

Artículo recibido el 26 de noviembre de 2014; Aceptado para publicación el 1 de diciembre de 2014

Identidade e Diferença: Redefinindo o debate filosófico em Etnomatemático

Identity and Difference: Redefining the Philosophical Debate in Ethnomathematics

Fabio Lennon Marchon¹

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo realizar uma reflexão filosófica sobre alguns dos pressupostos e conceitos que orientam as pesquisas em Etnomatemática. Caminha-se por temas que lhe são familiares em uma tentativa de apontar para novos horizontes e possibilidades para os debates filosóficos desta área. Para tanto diferentes referenciais teóricos e filosóficos são considerados como inspiração nesta empreitada. O ponto de partida é um artigo deste campo e que aborda diferentes conceitos (diferença, identidade, exclusão, cultura). Busca-se prioritariamente, a partir do artigo observado, repensar alguns dos conceitos que atravessam os discursos filosóficos etnomatemáticos e, deste modo, um dos principais objetivos é estimular reflexões críticas e filosóficas sobre algumas temáticas que se entrelaçam nas pesquisas etnomatemáticas para que, talvez, possivelmente, redefinam-se os debates que atravessam este campo de pesquisas. Busca-se com isso contribuir para fortalecer o debate em torno das bases filosóficas da Etnomatemática e caminhar rumo a uma filosofia etnomatemática.

Palavras-chave: Filosofia da Etnomatemática; Identidade; Cultura; Metafísica.

Abstract

This research aims to conduct a philosophical reflection on some of the assumptions and concepts that guide research in ethnomathematics. It covers topics which are familiar in an attempt to point to new horizons and possibilities for philosophical debates in this area. Therefore different theoretical and philosophical aspects are considered influential in this endeavor. The starting point is an article of this field that addresses different concepts (difference, identity, exclusion, culture). Starting with the article observed, this research seeks to rethink some of the concepts that intersect the philosophical discourses of ethnomathematics. In this way, one of the main objectives is to stimulate critical and philosophical reflections on some issues of ethnomathematics research in order to, perhaps, redefine the debates that influence this field of research. This seeks, in turn, to contribute to the debate on the philosophical basis of Ethnomathematics and move towards an ethnomathematical philosophy.

Keywords: Philosophy of Ethnomathematics; Identity; Culture; Metaphysics

¹ Doutorando em Educação e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói – Brasil. E-mail: fabiolen@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Etnomatemática tem se mostrado multifacetada em seu campo de investigação, mas, em linhas gerais, permanece prioritariamente preocupada com as diferentes questões *socioetnoculturais* relacionadas à construção do conhecimento matemático nos mais diversos contextos. A abrangência de perspectivas e enfoques na produção etnomatemática conduz a uma polissemia teórica e conceitual que dificulta o debate filosófico e crítico deste campo de investigação. Filosoficamente pode-se assumir que a pesquisa etnomatemática lança *um olhar em perspectiva* para a construção do conhecimento matemático em diferentes contextos, tentando não se deixar aprisionar em uma *gaiola epistemológica*.

O campo etnomatemático contrapõe-se, em geral, aos universais do discurso científico e busca exibir modos plurais de *saber e fazer* matemática e, simultaneamente, negar as *metanarrativas* dos discursos Matemáticos presentes na Educação Matemática. Cria-se a ilusão de que narrativas singulares em contextos específicos escapam das noções de unidade e universalidade. Por outro lado, argumentações em defesa da prevalência da dimensão pedagógica da Etnomatemática, assim como do seu caráter instrumental diante de questões práticas relacionadas à aprendizagem da matemática, criam um enfraquecimento da atividade filosófica reflexiva e crítica indispensável para fundamentação filosófica da Etnomatemática.

Neste cenário, *imanência/não-metafísica* e *transcendência/metafísica* são postos em lados contrários dos discursos filosóficos etnomatemáticos. Algumas questões que atravessam esta temática ainda permanecem nebulosas, como, por exemplo: *Uma filosofia da Etnomatemática deve se afastar totalmente das questões metafísicas e transcendentais? Qual a identidade etnomatemática do pesquisador etnomatemático?* O desafio, portanto, reside não apenas em restaurar o valor do debate teórico, filosófico e conceitual sobre os fundamentos da Etnomatemática, mas, ainda, pensar seriamente sobre a possibilidade de se defender uma filosofia propriamente Etnomatemática.

Com base no grande desafio teórico que se impõe no campo filosófico da Etnomatemática, em uma primeira abordagem reflexiva, tenta-se pensar criticamente sobre alguns dos discursos etnomatemáticos que direcionam este campo e apontam para questões filosóficas

relevantes para esta área. Este trabalho representa uma tentativa de (re) *pensar questões e problemas filosóficos etnomatemáticos*². A partir desta consideração expõe-se a relevância desta investigação para o campo filosófico desta área. E, dentro deste contexto, um caminho que se apresenta potente nesta empreitada diz respeito a uma das ideias centrais do próprio campo, a saber, aquela que associa *identidades a grupos culturais específicos* delimitando seus modos de saber e fazer matemática.

Para dar cabo desta empreitada busca-se inicialmente observar um trabalho em Etnomatemática que se relaciona com alguns conceitos relevantes para a reflexão filosófica que se busca realizar. É, neste caso, um olhar singular a partir de dentro do território etnomatemático. Toma-se como texto de referência o artigo *Diferença/identidade e professoras afrodescendentes: reflexões desde uma perspectiva etnomatemática* de Knijnik & Vargas (2011). A escolha deste texto foi motivada pelo seu tema altamente relevante para o debate filosófico etnomatemático, pelos múltiplos conceitos que o atravessam, pela autoridade e legitimação do discurso associado à pesquisadora que o assina e, finalmente, pela intenção de olhar para algumas das verdades que estão sendo aceitas e defendidas pela área.

Assumem-se como fonte de inspiração para embasar as reflexões aqui expostas os pensamentos filosóficos do jovem Nietzsche (2011) (uma filosofia da suspeita; um pensamento que faz pensar e que busca reavaliar os valores que estão na base das crenças do campo científico). Tenta-se, além disso, nesta empreitada não se deixar imobilizar por preconceitos ou afiliações teóricas ou filosóficas enrijecidas pelos dogmatismos acadêmicos. Além disso, considera-se natural que o debate filosófico se aproprie de posicionamentos que decorrem de outras áreas como, por exemplo, da sociologia. Este

² Neste trabalho assume-se uma dupla intencionalidade: busca-se por um lado contribuir para o debate relacionado aos possíveis fundamentos filosóficos da Etnomatemática e, por outro lado, destacar a relevância da reflexão filosófica de conceitos amplamente utilizados nesta área. Destaca-se, portanto, uma postura de reflexão crítica que interroga a Etnomatemática (ontologicamente) em sua essência, propondo questões para reflexão – “propor questões; questões não são ocorrências; questões são tão pouco ‘problemas’ hoje em dia em uso [...] Questões surgem na discussão e confronto com as ‘coisas’. E coisas há aí somente onde há olhos” (Heidegger, 2012 p.11) – .Não se deve, contudo, perder de vista a existência de uma dimensão epistemológica da Etnomatemática (D’Ambrosio, 2011). E, apesar deste trabalho não ser uma investigação propriamente epistemológica, tal dimensão característica da Etnomatemática aflora naturalmente no decorrer do texto.

trabalho investigativo assume caráter qualitativo e apoia-se prioritariamente em uma investigação documental.

UM TRABALHO-ESTOPIM EM ETNOMATEMÁTICO

Inicialmente destaca-se que não é pretensão deste trabalho analisar o artigo tomado como ponto de partida para as reflexões subsequentes. Não se trata tão pouco de uma resenha crítica deste texto. Trata-se, isto sim, de observar a relevância dos conceitos tomados para análise dentro do campo simbólico de produção da Etnomatemática. É, portanto, um *estopim* para as reflexões filosóficas aqui propostas.

O foco de Knijnik & Vargas (2011) é discutir questões relacionadas à *diferença cultural e formação de professores* no campo da Educação Matemática, seguindo uma perspectiva etnomatemática. Assume-se no artigo que *diferença e identidade* formam uma dupla conceitual inseparável, um dependente do outro, e aponta-se para relevância desta temática no que tange a formação de professores no ensino da matemática.

Os autores citam diferentes conceitos (relevantes para esta investigação) que compartilham o mesmo espaço: *fronteira; etnia; cultura; exclusão; identidade/diferença; interculturalidade*. Sua perspectiva filosófica é a da crítica aos *discursos universais* e ao *pensamento metafísico* e, portanto, reconhece-se como uma *filosofia da imanência* e não de *transcendência*. A Etnomatemática, por sua vez, é entendida pelos pesquisadores como uma *caixa de ferramentas teóricas* com a qual eles podem articular a pesquisa no campo da Educação Matemática com as questões socioculturais.

Os pesquisadores assumem a existência de uma *política da identidade* que direciona certas questões problemáticas sobre a constituição dos sujeitos como *os outros, os diferentes* e, resumidamente, contribui para pensar *como nos tornamos como somos*. Consideram ainda que, de acordo com uma *política do conhecimento*, a geometria dos currículos escolares delimita e demarca espaços reforçando identidades (contingentes, dinâmicas, não fixas). E, neste contexto, atestam que a perspectiva etnomatemática da pesquisadora está voltada para uma política da identidade *nos processos educativos no âmbito da matemática* atentando para a questão da *diferença/identidade*.

Eles descrevem seu trabalho investigativo realizado junto a cinco professores *afrodescendentes* que integram o Movimento Consciência Negra em um município de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Os pesquisadores comentam que existe um processo histórico de aceitação das desigualdades raciais que implicam em certa relutância em aceitar ou reconhecer que existem no espaço escolar tais desigualdades raciais. Afirmam que, ainda hoje, causa “mal-estar entre os sujeitos escolares” (Knijnik & Vargas, 2011, p.111) a aceitação da existência das desigualdades raciais no contexto escolar. Eles utilizam a expressão “professores afrodescendentes e/na Educação Matemática”, assumindo ainda a existência de duas dimensões (Educação Matemática escolar e Educação Matemática em espaços não escolares) interconectadas e que se entrelaçam a partir das *semelhanças de famílias* dos diferentes *jogos de linguagem*. Os pesquisadores indicam que o *ser afrodescendente* é vítima de condutas discriminatórias por parte dos *Outros* sujeitos. E, além disso, afirmam que os professores agem com descaso, esquecimento e afastamento em relação a estes alunos. A Etnomatemática, na perspectiva destes pesquisadores, contribuiu para expor as distintas matemáticas por meio das diferentes linguagens e, assim, possibilita reconstruir histórias e formas de vida não contadas.

UMA PRIMEIRA REFLEXÃO

A inspiração para (re) pensar criticamente (filosoficamente) alguns dos conceitos que se apresentam a partir deste trabalho são os pensamentos nietzschianos³ (Marchon, 2013) e, em especial, aqueles que buscam equilibrar os conceitos contraditórios e/ou paradoxais no campo filosófico (transcendência/imanência; metafísica/não metafísica; bom/mal, etc.). Assume-se, nesta perspectiva, uma postura de *suspeita* e a *reavaliação dos valores* que

³ Metaforicamente pode-se pensar sobre os aspectos *metafísicos* e *não metafísicos* e, respectivamente, de *transcendência* e *imanência*, a partir das forças *apolínea* e *dionisíaca* em Nietzsche (2011). As ilusões que encobrem as dores do mundo associam-se aos ideais platônicos (bom, belo, verdade, perfeição) e aos *universais* pela figura de Apolo. A força apolínea simboliza a *luz do saber*, a *transcendência*, o *metafísico* e, com ele, o mundo é visto através de um *véu de ilusões*. Dioniso por outro lado, simboliza a *sombra*, o aspecto *não metafísico* da existência humana, a *imanência*. A força dionisíaca é embriagante e se presta a mostrar as amarguras da vida sem amenizá-las e, portanto, é aquele que *rasga o véu das ilusões* apolíneas.

estão na base das crenças amalgamadas nos discursos da Etnomatemática. Suspeitam-se das *verdades* e das *normas-dogmas* que possivelmente residem no campo etnomatemático.

Relembrando a máxima *conhece-te a ti mesmo*, uma questão inicial que se impõe é: *em que medida o artigo analisado é um trabalho etnomatemático?* Dito de outra forma: *o que poderia diferenciar aquele trabalho de tantos outros* (sociologia da Educação, sociologia da Educação Matemática, etc.)? Estas questões apontam para a necessidade de determinar a região de investigação que é própria da etnomatemática, ou seja, investigar sua identidade própria. O que *é suficiente para caracterizar uma pesquisa etnomatemática?*

Pode-se afirmar, por exemplo, que o campo etnomatemático é plural e se aproxima de vários outros campos de investigação e, portanto, as perguntas acima se tornam irrelevantes. Assume-se ainda, observando as indicações de D'Ambrósio (2011), e compartilhados em parte por Knijnik (2012), que a Etnomatemática não trata apenas dos saberes matemáticos étnicos. No entanto, *como debater uma filosofia etnomatemática se persiste relativa dificuldade em identificar e caracterizar pesquisas em Educação Matemática identificando-as como pertencentes à Etnomatemática?* A identidade da própria Etnomatemática está em pauta neste caso e, até o momento, aparentemente, não existem boas perspectivas para resolver esta situação. Estas indagações aproximam-se do campo filosófico e, em especial, de sua dimensão *metafísica* (uma *metafísica imanente* possivelmente). Resta, portanto, verificar (ou defender) a possibilidade de uma investigação de caráter metafísico⁴ sobre o conceito de identidade em/na Etnomatemática.

O conceito de identidade

Cabe pontuar que a descrição de possíveis atribuições para o pesquisador etnomatemático a partir de pesquisadores da Educação Matemática não permite observar os limites e as potencialidades deste campo, pois, a saber, toda descrição já se insere dentro de um campo

⁴ Segundo Murcho (2012) a metafísica ocupa-se de problemas gerais sobre a natureza da realidade, incluindo-se teorização e argumentação *a priori*, análise conceitual e especulações logicamente disciplinadas. Além disso, “os problemas do livre-arbítrio e da identidade pessoal, por exemplo, são metafísicos [...] a natureza última do tempo, por exemplo, é um tópico importante da metafísica e também da física” (Murcho, 2012, p.45). “Existência e essência da realidade em seus múltiplos aspectos são, assim, os temas principais da metafísica, que investiga os fundamentos, os princípios e as causas de todas as coisas e o Ser íntimo de todas as coisas, indagando por que existem e por que são o que são” (Chauí, 2012, p.180).

de disputas políticas dos discursos acadêmicos legitimados. Quem descreve o campo o faz com uma intenção, com um propósito específico, dentro de um contexto de interesses contraditórios e não necessariamente trata da *totalidade* (todas as possíveis relações existentes) e *realidade* da pesquisa, e, nesse caso, a própria noção de *identidade cultural* na perspectiva do pesquisador em oposição à *identidade cultural* na perspectiva do grupo investigado deve ser analisada criticamente. Além disso, existe ainda a difícil questão de uma ontologia da Etnomatemática que, neste caso, conduz à interrogação da identidade da própria Etnomatemática. Diante das dificuldades postas por tal desafio, parte-se para um olhar sobre o conceito de *identidade/diferença* no interior e na periferia da Etnomatemática. Knijnik & Vargas (2011) tratam da *identidade/diferença* e *exclusão* em seu texto. Observa-se que a categoria *professores negros* (e *professor afrodescendente*) surge como conceito generalizante no referido artigo, assumindo ideias amplas a partir de interpretações singulares. Pode-se questionar, por exemplo: Que identidade especificamente e que cultura em particular eles buscam investigar? Quais são as oposições e diferenças que se mostram na formação matemática de negros e não negros? Trata-se de uma identidade profissional? Identidade afrodescendente? Identidade cultural dos não negros? Identidade dos sujeitos no contexto escolar e não escolar? Os limites das narrativas/textos são suficientes para caracterizar tais identidades? Em que medida a identidade cultural dos pesquisadores foi determinante para estabelecer a oposição *Eles* e *Outros*? Validam-se as *diferenças* pela autoridade do discurso acadêmico legitimado? São os pensamentos legitimados pelo discurso acadêmico que caracterizam e validam as *diferenças*? Seria possível falar em *identidade* e não assumir no campo teórico e conceitual as *diferenças* (negro/não negro; dentro da escola/fora da escola)? Uma possibilidade está em investigar/entender como as identidades plurais se mostram a partir das diferentes ideias expressas nos discursos dos sujeitos investigador-investigados (uma investigação hermenêutica?!).

Observa-se, por exemplo, uma busca contemporânea exacerbada pela representação do *Eu* como sujeito único, expressão da *liberdade* individual, felicidade e cidadania em um momento “em que indivíduos, coletividades e territorialidades estão redefinindo-se, reciprocamente, em ritmo acelerado” (Sawaia, 2013, p.121). Contudo, nessa individualização crescente a partir do desenraizamento do mundo (dentro do sistema

capitalista avançado), raça, cor, religião, etnia são retomados como parâmetros característicos de *identidades locais* em uma tentativa de resistência a *globalização* homogeneizadora. Criam-se realidades ilusórias e identidades são fabricadas. A grande contradição, e o desafio dos discursos que se aproximam dos conceitos de identidade e exclusão, é ultrapassar o paradoxo imposto pela ideia de “ser único, sendo como os outros e de ser diferente como todo mundo” (Sawaia, 2013, p.122). A Etnomatemática caminha por estas questões, mas, em que medida uma filosofia Etnomatemática unicamente da *imanência* pode ser suficiente para lidar com os aspectos do *Eu-etnomatemático* que transcendem o aqui e agora do espaço-tempo? Como avançar na legitimação dos saberes matemáticos locais e, simultaneamente, impedir que estes sejam desenraizados por uma espécie de identidade *globalizada* e homogênea? Como resistir a *imposição* de uma identidade a partir do olhar do *Outro* e, ao mesmo tempo, lutar pela manutenção de uma identificação do *Eu*?

Destacam-se duas possíveis concepções (antagônicas) de identidade: (i) *identidade de transformação/multiplicidade* e (ii) *identidade de permanência/unicidade*. A Etnomatemática, em suas pesquisas, se aproxima da primeira e se afasta da segunda. Por outro lado, para assumir uma identidade própria, reconhecendo certa unidade em seus discursos, a Etnomatemática vê-se confrontada com a segunda concepção. A aceitação de apenas uma destas formas identitárias, contudo, desequilibra a dialética da identidade criando a “fetichização de um desses polos, com a finalidade de discriminar, excluir e dominar, nas relações de poder” (Sawaia, 2013, p.123). Na perspectiva de Sawaia (2013), esta aceitação unilateral é responsável ou pela *esquizofrenia da identidade volátil* ou pela *crystalização da identidade clichê*. Em qualquer dos casos, investe-se na *ideia de diferença* para separar e discriminar as identidades plurais. A identidade pode servir como referência para incluir uns para, em seguida, oficializar sua exclusão. A partir de sistemas de valores socialmente compartilhados definem-se os de *fora* e os de *dentro* (quem define?), pois, para estar *à parte*, é preciso antes, ser reconhecido e identificado. É necessário ser oficialmente *desigual* (quem oficializa a desigualdade?), ou, ainda, *diferente* daquele que está incluído, é preciso, portanto, estar *excluído* para se lutar por uma *inclusão* (quem realiza esta luta?).

Não obstante, cada sujeito tenderá a olhar para seus desejos e sentimentos, buscará seu *eu* internamente, subjetivamente. O indivíduo realiza um reconhecimento de si a partir de sua história, suas ideias, crenças, hipóteses, ilusões, delírios e sonhos – aproxima-se, portanto, de um debate *existencialista* sobre a questão da identidade. Por outro lado, tenderá a satisfazer as expectativas de outros sujeitos (a *vida em rebanho*). São os desejos e sentimento externos, que não lhe competem a cada um individualmente, que acabam por colidir com as determinações internas. Nesse processo, fica claro que uma importação de imagens externas pelo sujeito, assumidas como as imagens *certas* e *verdadeiras*, compartilhadas pelos *Outros* ao seu redor, criam estratégias psicossociais de legitimação da exclusão a partir da criação de uma identidade ilusória. Pode-se perguntar, por exemplo, em que medida a Etnomatemática tem se aproximado desta perspectiva de incluir sujeitos e grupos para legitimar sua crítica à exclusão? O olhar do pesquisador é, necessariamente, o olhar do *incluído* ou a do *excluído*?

Por outro lado, fala-se hoje em um *individualismo* que é uma *representação do coletivo* e que, por sua vez, possibilitam discursos de atribuição de sucessos e fracassos a certos indivíduos específicos, maquiando as condições sociais particulares de cada um e os fatores históricos que possibilitaram esta ou aquela condição. Pode-se dizer que é uma forma de *culpabilização psicológica* que evita as questões sociais e que atribui ao indivíduo toda a culpa pelo o seu insucesso, o seu desemprego, a sua incapacidade em aprender. E, em fim, ao mesmo tempo em que cria uma *identidade individual* de *ser incapaz* também possibilita culpá-lo pelos seus males. Esta imagem pode ser associada a um grupo qualquer? Aparentemente sim. Os negros, as mulheres, os gays, os homens, os estudantes, são exemplos de grupos estigmatizados com certas características universais que acabam por conformar certas atitudes singulares nos sujeitos que pertencem a estes grupos. Contudo, pode-se generalizar tal conformação identitária?

Pode-se ainda assumir que a identidade passa a representar um referencial dentro de um contexto dialético de *inclusão/exclusão* que, resumidamente, aponta para duas possibilidades paradoxais. Em um caminho, possibilita a negação das *metanarrativas* homogeneizadoras que eliminam as individualidades e, por outro lado, pode contribuir para defesa da alteridade nas relações democráticas de modo a legitimar comportamentos que

visam à exclusão das diferenças. Nesse quadro, a *globalização do mercado mundial*, dentro da lógica capitalista, tem possibilitado enfraquecer os diferentes referenciais identitários, como, por exemplo, aqueles ancorados nas ideias de tradição, nação, comunidade, família e sexualidade. Nesse sentido, observa-se que a fragilidade da rigidez referencial pode contribuir para uma ilusão do aumento da autonomia das escolhas pessoais, mas, contudo, na ausência de reflexão crítica pode igualmente conduzir para movimentos de segregação de certos indivíduos ou grupos a partir de mecanismos defensivos. No entanto, em uma perspectiva de negação das *metanarrativas*, dificulta-se falar em identidade cultural de um grupo, mesmo que esta seja dinâmica, fluida, e historicamente construída, pois, ainda assim, assume-se implicitamente certa permanência de saberes e fazeres que a identifique em oposição a *Outros* grupos. Além disso, o processo de *globalização* e os avanços tecnológicos têm transformado o modo como os sujeitos reconhecem seu contexto, sua língua e seus costumes a partir da comparação com outros costumes, línguas e contextos, ampliando uma representação identitária própria, e potencializando uma *metafísica imanente* do *Eu-multicultural*.

Identidade e cultura

Dentro deste debate, torna-se relevante adentrar o campo conceitual da *cultura*, pois, inegavelmente, identidade/diferença e *cultura* relacionam-se mutuamente. A partir do texto de Knijnik & Vargas (2011), pode-se perguntar, por exemplo, se: (i) Qual o entendimento que se tem do conceito de *cultura*? Fala-se em abordar questões referentes à *diferença cultural* e a *formação de professores* no contexto da Educação Matemática numa perspectiva Etnomatemática. (ii) Que cultura e que diferença foi abordada no texto? (iii) estavam aqueles professores imersos em uma "cultura escolar" que se aproximava de sua *cultura pessoal*? (iv) Considerou-se uma *cultura matemática afrodescendente* em oposição a outra *cultura matemática branca*? (esta é uma suposição inicial ou uma constatação empírica?) (v) Que diferenças culturais estavam implicadas nas supostas discriminações educacionais? Uma questão relevante é, portanto, tentar compreender filosoficamente como a ideia de *cultura* tem sido empregada no contexto das pesquisas etnomatemáticas. Que cultura? Quais os valores que orientam nossas ilusões?

Cada cultura “inventa seu modo de relacionar-se com o tempo, de criar sua linguagem, de elaborar seus mitos e suas crenças, de organizar o trabalho e suas relações sociais” (Chauí, 2012, p.60). Colaboram, neste sentido, as condições históricas e materiais, geográficas e políticas em que cada grupo de indivíduos se encontra e, assim, modos singulares de organizar seus valores e suas relações de poder são estruturadas de modo que é possível falar em culturas (no plural). Estas ainda são dinâmicas com o passar do tempo, podendo se modificar continuamente. No entanto, a pesquisadora indica que toda cultura se materializa na medida em que regras e normas de conduta são elaboradas em uma tentativa de assegurar a existência e a conservação do grupo, ou, talvez seguindo Bourdieu (2011), garantir a reprodução dos valores dominantes.

O termo *cultura*, seguindo os passos sociológicos de Gohn (2011), pode ser entendido como um produto histórico que sugere uma aproximação do termo com o *cuidado de si*, da *educação*, dos *deuses*, do *campo* (cultivo), dos *monumentos*, do *espírito*. É uma criação coletiva de ideias e símbolos que estruturam valores (morais, éticos, de justiça, de beleza) e que orientam os diferentes grupos humanos. Assim, por exemplo, uma cultura estabelece o que entende por verdadeiro ou falso, sagrado ou profano. São ilusões coletivamente aceitas, não unânimes, mas em geral, estabelecem-se a partir das relações de poder. Pode-se assumir que toda cultura é construída com base em um poder simbólico e imaterial que relaciona sujeitos e práticas em contextos específicos e também múltiplos. As interações entre sujeitos (ou grupos de indivíduos) podem ocorrer de diferentes formas de modo a colaborar para delimitar as identidades culturais. Grupos distintos podem atribuir significados distintos uns aos outros e a si próprios, gerando tensões e conflitos na ordem simbólica ou, ainda, concretamente a partir de práticas violentas de discriminação. As diferenças são construídas na tensão entre o simbólico e o material, entre as práticas e os discursos, ou seja, nas palavras de Gohn (2011), “são produzidas no interior dessas práticas de significações” (p.44). Quais interesses e práticas colaboram para uma identidade Etnomatemática das pesquisas em Etnomatemática?

Destaca-se que *identidade* e *diferença* no contexto de uma *cultura*, devem ser pensadas filosoficamente a partir de singularidades (crenças particulares; desejos; valores pessoais) e universalidades (regras gerais; leis; ideologia) que, em última análise, apontam para

reflexões metafísicas e ontológicas, mas, possivelmente, aproximem-se ainda de uma perspectiva existencialista. A identidade individual ou coletiva é atravessada por certas verdades que são culturalmente impostas/atribuídas (simbólica ou material) ao sujeito (ou ao grupo). Não se pode desconsiderar que existem, em todas as culturas, discursos e enunciações sobre os indivíduos ou grupos que são aceitos como verdades e que circulam na trama social como se representassem, de fato, a realidade objetiva/subjectiva do *mundo-vida* e dos sujeitos. Amalgamados nestes contextos socioculturais, forças dispersas contribuem para manutenção destes valores, seja por meio de práticas (conscientes ou inconscientes) de discriminação ou pela normatização em forma de lei. Os sujeitos são *subjetivados* a partir de mecanismos dispersos de controle que, em muitos casos, são simbólicos, imateriais, não percebidos conscientemente (*invisíveis*), mas estão presentes no dia a dia inclusive (e principalmente) nos meios de comunicação. Naturaliza-se, em certa medida, a exploração e o sofrimento como justificativas para o sofrimento e exploração; cria-se a ilusão de uma realidade factual e irrefutável da vida, um *inatismo* social.

Cria-se uma estrutura de *aprisionamento* ficcional dos sujeitos que, em certa medida, são *forçados* a seguir padrões que nem mesmo sabem por que seguem. Pesquisadores e não pesquisadores inserem-se em contextos de *aprisionamento* e ilusões, estes, evidentemente historicamente construídos. O cultivo de si não está apenas no interior dos desejos dos indivíduos, mas constrói-se também a parti do seu exterior. Estaria o conceito de cultura, como em geral é usado nos discursos etnomatemáticos, amalgamado em ilusões compartilhadas pelos pesquisadores da área? (Se sim, quais?)

Existe, por outro lado, uma autonomia relativa do sujeito social para com sua construção identitária, pois, conscientemente ou não, múltiplas forças impõem valores e condutas que designam maneiras de ser, de agir, de falar e vestir que podem ser rejeitadas. Nesse cenário, aquilo que designamos por cultura tende a manter formas de agir e pensar que são constantemente acatados e atacados, por indivíduos ou grupos de indivíduos, pelo desejo de mudança, criando assim luta e resistência constante.

Pode-se supor que, talvez, exista dentro da Etnomatemática uma *falsificação* histórica da própria história cultural a partir de *memórias transfiguradas* e que, por isso mesmo, representam uma *memória suspeita* em toda a sua amplitude. Assim, ao que parece, corre-

se o risco de não propriamente resgatar uma história culturalmente sufocada, mas sim, por outro lado, de se criar outra história e sugerir outra memória cultural a partir da legitimação do campo etnomatemático. Trata-se de uma disputa pela verdade e não apenas de valorização de uma *memória cultural* ou uma *história* oculta. A partir da diferença *Eles* e *Nós*, novas identidades são, possivelmente, construídas a partir da perspectiva etnomatemática. Como falar das verdades do *Eu* cultural, para o *Outro* cultural, estimulando e defendendo as verdades particulares do Eu, sem, neste caso, descaracterizar as verdades do Outro?

Note-se que a força do discurso acadêmico mostra uma *realidade recortada* e institui uma falsificação da realidade para atender a pesquisa que “passa da representação da realidade à realidade da representação” (Bourdieu, 2011, p.118). Por outro lado, negando a existência da diferença e da discriminação, criando esta ilusão, nada haveria para investigar. Escapando das questões que transcendem o físico e o espaço-tempo, o aqui e agora na imanência, como refletir sobre as questões que atravessam esta temática?

A DEFESA DE UMA PERSPECTIVA METAFÍSICA

Toda reflexão até este momento, movida pelas suspeitas e dúvidas no campo filosófico que intercepta a Etnomatemática, associa-se a questões filosóficas metafísicas sobre o *Ser*, o *Eu* e a *identidade/diferença*. Este é, contudo, campo de tensões e críticas no campo próprio da Etnomatemática. Porém, a Etnomatemática ao afirmar-se como defensora das diferenças, promovendo os distintos discursos dos sujeitos sociais, valorizando as oposições, as diferenças e os encontros, aparentemente não pode evitar a coexistência do pensamento *metafísico*, mesmo que defenda o *não metafísico*.

Além disso, o debate em torno do conceito de identidade retorna ao campo metafísico, pois, ao buscar entendimento sobre a questão da *permanência/unidade* avança inevitavelmente sobre os discursos que tratam da unidade e dos universais e, por outro lado, também da aceitação das *transformações/multiplicidades*. Isto implica, em certa medida, em se repensar uma regra (única, total) para construção dos sujeitos e da sociedade. Note que, mesmo acrescentando a ideia de contexto histórico como elemento indispensável à construção das identidades, este se incorpora como parte do sistema explicativo das

transformações e, nesse caso, não se pode descolar da história os pensamentos metafísicos e não metafísicos em que são produzidos os saberes, os sujeitos ou os discursos dentro da própria história.

Assim, por exemplo, na filosofia clássica (moderna), pode-se falar em dois tipos de identidades: qualitativa ou numérica. A identificação numérica é uma relação que ocorre somente entre um particular e ele mesmo, similar à igualdade matemática em que $x = x$. A identificação qualitativa é uma relação entre particulares (distintos ou não). Pode-se perguntar, por exemplo, qual identidade a Etnomatemática prioriza em suas pesquisas? As reflexões sobre o conceito de identidade no campo Etnomatemático não aparecem estar pautados em uma *identidade numérica*, mas sim *qualitativa*. Identificar um sujeito, ou um grupo de pessoas, exige uma caracterização deste sujeito individualmente ou destes elementos em sua coletividade. Esta identificação pressupõe uma comparação entre *Seres* ou *objetos* (amalgamados, inseparáveis). Compara-se um indivíduo com o outro – o *Ser* e o *não Ser*.

O *Ser* é percebido como aquilo que ele é (ou eles são) em oposição ao que não é (ou não são) em certos contextos socioculturais. A suposta coesão de um grupo cultural defendida pela Etnomatemática, e que se estabelece em torno de um objetivo ou prática, contribuiu para delimitar sua caracterização em certo contexto e em determinado momento. Cria-se uma ideia de unidade na multiplicidade – o Uno retorna à Etnomatemática. Uma perspectiva filosófica que evita a ideia de *transformação* e *devir* dos seres (em geral), dos homens (em particular) e das coisas, afasta a dinâmica do *mundo-vida* do debate acerca das identidades. Cabe refletir neste momento se, de fato, os usos da linguagem e seus signos são universais e particulares (simultaneamente) em qualquer contexto, e pensar em como isto se articula com a construção das identidades etnomatemáticas. Poder-se-ia argumentar, dentro desta lógica, que a defesa dos *usos e jogos de linguagem* nas pesquisas da Etnomatemática é, ela mesma, uma ilusão conveniente e que não se reconhece como uma ilusão. As palavras, que por si só são abstrações genéricas de objetos particulares, servem de elemento para as identificações, mas, pode-se questionar, por exemplo, como distinguimos uma palavra da outra? Como as identificamos? Podem-se recorrer às definições associadas a estas palavras, mas isto não resolveria o problema das identificações. Pode-se ainda dizer que o *uso das*

palavras em certos contextos e momentos desempenham diferentes papéis, indicando seus significados de acordo com os seus usos, mas, novamente, como uma situação específica é entendida em oposição à outra situação específica? Como reconhecer os diferentes usos das palavras sem assumir a existências de referências universais de comparação? Como evitar a existência de oposições e, em última instância, identificações circunstanciais dos contextos em que as palavras são empregadas? Como pensar sobre as *semelhanças de famílias* de certas expressões sem assumir que tais famílias são *identidades locais* e que as semelhanças são conceitos compartilhados e, portanto, universalmente aceitos em um contexto específico? Como se orientar em um *jogo* em que ao menos duas *regras* (de caráter semântico) distintas delimitam e competem os *usos e jogos de linguagem*?

Existe, ao que parece, uma relação indissociável entre a *prática discursiva* e o reconhecimento das *identidades individuais* (ou coletivas) no contexto sociocultural sem que se escape de reflexões metafísicas sobre tais conceitos. Isso possibilita dizer que o uso da linguagem é dependente das questões socioculturais, mas por outro lado, leva-nos a argumentar que as questões sociais dependem igualmente da linguagem de modo abstrato e não apenas dentro de seu uso. É possível, a partir das expressões proferidas e pela forma de se expressar, por meio da linguagem, reconhecer o grupo de pertencimento de um sujeito? Este sujeito, a partir do campo de construção do saber matemático, consegue se perceber pertencente a um grupo cultural e não a outro? Existe um elemento característico das palavras, em certos contextos da educação matemática, pelo seu uso, que as delimita e identifica?

A diferenciação de objetos leva-nos a pressupor uma unidade que possibilita discernir *um* do *outro* na maior parte das circunstâncias. Esta unidade característica é, em geral, o que identifica os seres. A *essência* do *Ser* Etnomatemático (assumindo que exista), só pode ser percebida e identificada indiretamente e por comparação, a partir das diferenças que, por sua vez, implicam em aceitar a dinâmica das transformações. Note, contudo, que o *Ser* da Etnomatemática compreendido a partir do *não Ser*, delimita e cria certas fronteiras (invisíveis e simbólicas). A *essência* que serve para caracterizar aquilo que se encontra dentro de certos limites identifica o sujeito singular, o Uno em oposição ao múltiplo, ou seja, a unidade característica do *Ser* da Etnomatemática está dentro de fronteiras bem

delimitadas (Quais?). Permanece em aberto, contudo, a questão da identidade etnomatemática do pesquisador etnomatemático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui realizadas partiram da imanência do campo etnomatemático a partir de um artigo da área para, a partir dele, realizar reflexões filosóficas sobre conceitos usualmente tratados nas pesquisas desta área. Buscou-se interrogar (ontologicamente) a Etnomatemática, questionando e problematizando os conceitos de *identidade/diferença* tanto em seu interior quanto em sua própria constituição. Ultrapassando os limites do texto utilizado como propulsor destas reflexões, avançou-se sobre conceitos associados, como o de cultura, destacando-se a relação intrínseca destes conceitos. Acredita-se que uma postura de suspeita e interrogação diante do campo conceitual (teórico e filosófico) da Etnomatemática possa contribuir positivamente para mover a investigação propriamente filosófica no campo etnomatemático. Neste sentido a inspiração nietzschiana foi uma relevante contribuição nesta empreitada. Acrescentou-se a possibilidade de buscar elementos no campo da *metafísica* para se pensar a fundamentação filosófica da Etnomatemática, assumindo-se a possibilidade de equilíbrio entre *metafísica* e *não-metafísica* na fundamentação filosófica desta campo de estudos e pesquisas.

Destacou-se que a Etnomatemática pode pensar-se como um *Ser* do campo acadêmico, com uma identidade objetiva e subjetiva a partir dos conceitos que produz e defende por meio de seus pesquisadores. A *compreensão de si* pode se fortalecer ao revisitar os conceitos assumidos em seus discursos. A questão da identidade etnomatemática do pesquisador etnomatemático persiste como problema em aberto. Sugere-se, portanto, como projeto futuro, uma investigação de caráter ontológico sobre a Etnomatemática. Além disso, parece coerente pôr em pauta uma discussão sobre uma ideia de *igualdade não universal* que nega os conceitos de unidade e universalidade para construir sua versão idealizada de *identidade cultural plural* que, em certo contexto, é entendida como universal. Sugere-se maior aproximação com as questões filosóficas que tratam da valorização das identidades culturais a partir das diferenças e passam pelo conceito de exclusão, sem com isso, abrir mão de uma aproximação com uma filosofia da linguagem. Observa-se que o caráter

metafísico está amalgamado na origem de muitos conceitos aqui explorados e, portanto, defende-se uma aproximação esta perspectiva no campo etnomatemático.

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (2011). *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Chauí, M. (2012). *Iniciação à filosofia. Ensino Médio, volume único*. São Paulo: Ática.
- D'Ambrosio, U. (2011). *Etnomatemática: Elo Entre as Tradições e a Modernidade*. Coleção tendências em Educação Matemática, 4. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.
- Gohn, M. G. (2011). *Educação não formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. Coleção questões da nossa época, 26. São Paulo: Ed. Cortez.
- Heidegger, M. (2012). *Ontologia: Hermenêutica da facticidade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Knijnik, G. et al. (2012). *Etnomatemática em movimento*. Coleção tendências em educação matemática, 25. Belo horizonte: Editora Autêntica.
- Knijnik, G., & Vargas, T. (2011). Diferença/identidade e professoras afrodescendentes: reflexões desde uma perspectiva etnomatemática. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*. 31, 103-117.
- Marchon, F. L. (2013). *Entrelaçamentos e possibilidades filosóficas em Etnomatemática*. (Dissertação de Mestrado inédita). Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.
- Murcho, D. (2012). Metafísica. In P. Galvão (Org.), *Filosofia: Uma introdução por disciplinas* (pp. 45-97). Lisboa: Edições 70.
- Nietzsche, F. W. (2011). *O Nascimento da Tragédia (ou Grécia e Pessimismo)*. Tradução: Antonio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, 73. São Paulo: Editora Escala.
- Sawaia, B. B. (2013). Identidade: Uma ideologia separatista?. In B. Sawaia (Org.). *As artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 121- 142). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.